



Educação, Comunicação e Extensão no Projeto Mundo Quando (FACEDI/UECE): desafios e possibilidades

Education, Communication and Extension in the Quando Mundo Project (FACEDI/UECE): challenges and possibilities

André Lima Sousa

Economista, Prof. do curso de Ciências Sociais UECE, Dr. Em Geografia,

<https://orcid.org/0000-0002-6704-5882>,

profandre.lima@uece.br

Vanesa Lima Braga

Graduanda em Ciências Sociais UECE, <https://orcid.org/0000-0002-7987-5461>,

vanesalima.braga@aluno.uece.br

Valeria Lima Braga

Graduanda em Ciências Sociais UECE, <https://orcid.org/0000-0001-7199-977X>,

valerialima.braga@aluno.uece.br

Felipe Franklin de Lima Neto

Cientista Social, mestre, doutor e pós-doutor em Educação,

<https://orcid.org/000000034666-2395>, guanaces@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo debate as relações entre educação, comunicação e extensão no Projeto de Extensão Mundo Quando, desenvolvido na Faculdade de Educação de Itapipoca, Universidade Estadual do Ceará (FACEDI/UECE). A partir do aporte teórico do educador Paulo Freire, principalmente o contido em seu livro: “Extensão ou comunicação?” (1985), são problematizadas as relações entre educação, comunicação e extensão no Mundo Quando, percebendo suas condições, impasses e perspectivas. Para tal análise, foi exercitada uma metodologia de cunho qualitativo aliada à pesquisa bibliográfica e a pesquisa-participante visando um melhor aprofundamento do tema aqui discutido. Dessa forma, a discussão das relações existentes entre a educação, a comunicação e a extensão inscritas no Projeto Mundo Quando possibilita a contextualização social, cultural, política e educacional de uma série de ações e atividades práticas vivenciadas entre o campo docente e discente, os projetos de extensão, a universidade e a sociedade. Dentre essas atividades, elencamos o desenvolvimento teórico e prático de habilidades de trabalho coletivo que envolvem a pesquisa, o ensino e a extensão, as pautas e pesquisas temáticas, os processos de leitura e escrita, as revisões textuais, o desenvolvimento de entrevistas, os lançamentos de livros e documentários e as produções de conteúdos digitais para o Portal Quando. O artigo aponta os desafios e possibilidades existentes nas relações entre essa gama de atividades, a perspectiva de uma Universidade Pública democrática e os processos de democratização e interiorização do acesso à informação de qualidade junto à população residente no município de Itapipoca e região.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Comunicação; Educação; Paulo Freire.



Abstract

This article discusses the relationship between education, communication and extension in the Mundo Quando Extension Project, developed at the Faculty of Education of Itapipoca, State University of Ceará (FACEDI/UECE). From the theoretical contribution of the educator Paulo Freire, mainly the one contained in his book: “Extension or Communication?” (1985), the relations between education, communication and extension in the Mundo Quando are problematized, perceiving its conditions, impasses and perspectives. For this analysis, a qualitative methodology was used, combined with bibliographic research, aiming at a better understanding of the topic discussed here. In this way, the discussion of the existing relationships between education, communication and extension inscribed in the Mundo Quando Project enables the social, cultural, political and educational contextualization of a series of actions and practical activities experienced between the teaching and student field, the projects extension, the university and society. Among these activities, we list the theoretical and practical development of collective work skills that involve research, teaching and extension, thematic guidelines and research, reading and writing processes, textual revisions, the development of interviews, of books and documentaries and the production of digital content for Portal Quando. The article points out the challenges and possibilities existing in the relations between this range of activities, the perspective of a democratic Public University and the processes of democratization and internalization of access to quality information among the population residing in the municipality of Itapipoca and region.

Keywords: University Extension; Communication; Education; Paulo Freire; Mundo Quando.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise da obra “Extensão ou comunicação?” (1985), de Paulo Freire no contexto do projeto de extensão Mundo Quando, da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará (FACEDI-UECE), um projeto vinculado ao tema da comunicação social. Procuramos, analisar como se dá a relação entre extensão, comunicação e educação. No referido livro o autor problematiza o conceito de extensão, oferecendo outro conceito de teor potencialmente mais democrático: comunicação. Compreende-se que essa discussão é bastante pertinente, pois nossa sociedade vem passando por transformações profundas nas últimas décadas, principalmente com a difusão cada vez mais crescente dos novos meios comunicacionais, informacionais e das mídias sociais, o que fez diversos autores defenderem que vivemos na era da informação e da comunicação.

Neste século XXI, a chegada desses meios técnicos nos mais diversos territórios espalhados pelo mundo, conectando esses territórios e dando a impressão de um “encurtamento” do espaço pelo tempo, num verdadeiro processo de globalização, no qual os novos meios de comunicação e informação, se tornaram praticamente indispensáveis para a realização das atividades do dia a dia como trabalhar, estudar, práticas de lazer etc. Com Anthony Giddens (2008), temos que a globalização está se



desenrolando de forma assimétrica, já em Baumann (1998), a ideia de que a globalização tanto une como divide. Ainda debatendo conceito de globalização, Milton Santos (2007) nos apresenta uma tripla dimensão da globalização, que se apresenta como fábula, como perversidade e como resultado de uma unicidade técnica, da “convergência dos momentos” e de um “motor único”, o capitalismo neoliberal.

Pode-se dizer, portanto, que o processo de globalização e conseqüentemente a difusão dos novos meios comunicacionais e das mídias sociais, carregou consigo os valores e a lógica mais geral de reprodução, baseada na acumulação privada de riquezas, impulsionando a desigualdade e a exclusão social, que atinge a esmagadora maioria dos seres humanos. O contexto social, econômico e cultural de Itapipoca de região, onde está inserido o Projeto de Extensão Mundo Quando não foge a essa regra, cabe a nós enquanto integrantes de um Projeto de Extensão que trabalha a partir de um portal educativo¹, aprofundar o debate acerca de como pode ser interpretada a relação entre extensão, comunicação e educação no projeto Mundo Quando.

O projeto Mundo Quando busca trabalhar com a união entre extensão, comunicação e educação, procurando produzir e difundir conteúdos relacionados com à realidade social, política, econômica e cultural de Itapipoca e região. Este artigo é o primeiro de uma série que pretendemos produzir tratando das temáticas relacionadas com o projeto, tal como a comunicação social em si, mas também a educação ambiental, a relação com a cultura, poder e a busca pela igualdade nas relações de gênero, democratização da comunicação, racismo estrutural, dentre outros.

No presente artigo optamos pela utilização de uma metodologia de natureza qualitativa que envolveu uma pesquisa bibliográfica, leituras e debates que têm como base as reflexões trazidas por autores que produziram academicamente sobre as temáticas relacionadas ao artigo, dando destaque a discussão da obra “Extensão ou comunicação?” (1985). Fizemos também uso da pesquisa-participante que: “[...] assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.” (GIL, 2002, p. 55), utilizamos, portanto, nossa própria experiência no desenvolvimento do projeto Mundo Quando como objeto de investigação, já que

¹www.mundoquando.org



consideramos tênue a linha que separa o sujeito do objeto, mais ainda neste caso em particular, em que somos, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de investigação.

Cabe destacar que a discussão das relações existentes entre a educação, a comunicação e a extensão, inscritas no Projeto Mundo Quando, possibilita a contextualização social, cultural, política e educacional de uma série de ações e atividades práticas vivenciadas entre o campo docente e discente, os projetos de extensão, a universidade e a sociedade. Dentre essas atividades, elencamos o desenvolvimento teórico e prático de habilidades de trabalho coletivo que envolvem a pesquisa, o ensino e a extensão, as pautas e pesquisas temáticas, os processos de leitura e escrita, as revisões textuais, o desenvolvimento de entrevistas, os lançamentos de livros e documentários e as produções de conteúdos digitais para o Portal Quando.

Estamos nos baseando em princípios democráticos e populares, tal qual preconizado pelo professor Paulo Freire, e em consonância com o perfil dos alunos e alunas da FACEDI, bem como a realidade social da esmagadora maioria da população de Itapipoca e região, construindo o conhecimento junto às pessoas e não para elas. Sendo assim, este artigo procura responder a seguinte pergunta: quais são as relações entre educação, comunicação e extensão no projeto Mundo Quando?

3 Relações entre extensão, comunicação e educação

No processo de reflexão sobre o tema do artigo, fez-se oportuno a busca por inspiração na obra “Extensão ou comunicação?”, de Paulo Freire que, segundo Gajardo (2021, p. 95) foi: “[...] publicado primeiro pelo ICIRA² (1969) e depois pela editora argentina Siglo XXI (1973) com o título: *‘Extensión o comunicacion? La conscientización en el medio rural’*”. Nesse livro, produzido durante seu exílio no Chile (1964-1969), Paulo Freire faz importantes críticas a ideia de extensão. Cabe destacar que esse livro foi escrito durante o processo da reforma agrária no Chile, onde, segundo Manuela Gajardo (2021, p. 95), a:

[...] equipe de Paulo Freire no ICIRA e em outros organismos eram técnicos, especialmente agrônomos e extensionistas responsáveis pela execução de programas e políticas de reforma agrária. Por isso, a maioria das publicações que se referiam ao tema da extensão agrícola que se produziam no campo da capacitação, tinham o objetivo de sensibilizar esses profissionais sobre a

² Instituto de Pesquisa, Treinamento e Reforma Agrária.



importância de promover uma análise sobre a relação entre técnica, modernização e humanismo, assim como entre modernização, desenvolvimento e aprendizagem.

Nesse texto, Paulo Freire faz críticas à ideia de extensão, que pode ser entendida como: “[...] a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação –: estender algo a.” (FREIRE, 1985, p. 11). Segundo o autor: “Nesta acepção, quem estende, estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal) a ou até alguém – (objeto indireto da ação verbal) – aquele que recebe o conteúdo do objeto da ação verbal.” (FREIRE, 1985, p. 11). É possível compreender que essa ideia de extensão mostra uma forma de transmissão de conhecimentos de maneira passiva, ou seja, o ser que conhece transmite seus conhecimentos para o ser que os recebe sem nenhum questionamento sobre aquele conhecimento que lhe foi transmitido.

Dessa forma, a extensão se encontra relacionada com a ideia de: “[...] transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc.” (FREIRE, 1985, p. 13). Ou seja, está ligado a termos que envolvem ações que: “[...] transformando o homem em quase ‘coisa’, o negam como um ser de transformação do mundo.” (FREIRE, 1985, P. 13). Pode-se dizer que a extensão nega o poder do homem de transformar o que está ao seu redor, de ser um sujeito ativo, crítico que questiona, que muda o que está posto, sujeito capaz de construir novos conhecimentos.

No texto, o autor faz referência ao agrônomo extensionista e ao camponês. Nessa relação, o primeiro se vê como dono do conhecimento e o camponês é tido como um ser que nada sabe, sujeito ignorante, por isso mesmo receptáculo do conhecimento transmitido pelo agrônomo. Assim, Paulo Freire faz uma crítica à essa concepção da prática extensionista que não visa a verdadeira educação. Além disso, ele busca se contrapor à ideia de persuasão, que não pode se conciliar com a educação que visa a prática da liberdade (FREIRE, 1985, p. 14). Ele rejeita essa prática, pois:

Persuadir implica, no fundo, num sujeito que persuade, desta ou daquela forma, e num sujeito sobre o qual incide a ação de persuadir. Neste caso, o sujeito é o extensionista; o objeto, os camponeses. Objetos de uma persuasão que os fará ainda mais objetos da propaganda.

Para Paulo Freire, ao contrário, os sujeitos devem trabalhar juntos, construindo o conhecimento de forma democrática, e não de acordo com uma lógica extensionista e tecnicista fundada em premissas autoritárias e antidemocráticas, em que um “sujeito” detém o conhecimento e o outro, “objeto”, somente o recebe acabado,



pronto, sem espaço para crítica, questionamento, mudança e transformação da realidade.

Assim, Paulo Freire (1985, p. 14), assevera que:

Nem aos camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora. Neste caso, aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atue também criticamente, sobre ela.

A verdadeira forma de educar não se daria através da persuasão, mas sim da problematização da situação em que os sujeitos se encontram. Nesse exercício, eles analisariam criticamente o que se passa em suas vidas e, dessa forma, atuariam sobre suas vidas e realidades. Como fala Paulo Freire: “Como educador, se recusa a ‘domesticação’ dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não ao de extensão.” (FREIRE, 1985, p. 14).

Como é amplamente sabido, a universidade cumpre um importante papel social na sua condição de formadora de profissionais que vão atuar nos mais diversos ofícios, soma-se a isso, segundo Sandra de Deus (2013, p. 12):

Uma das tarefas mais preciosas confiadas à universidade como um dos setores da sociedade ao qual se atribui a geração do conhecimento é a estreita interação com os demais setores dessa universidade ou dos demais setores. Se a universidade for fiel às suas próprias demandas e àquelas provenientes dos demais setores da sociedade, fortalecendo a formação de profissionais comprometidos com esta mesma sociedade, preservando culturas, zelando por direitos humanos e compartilhando o conhecimento, cumprirá em parte sua missão.

Dessa forma, a extensão universitária se faz extremamente necessária, pois, faz com que discentes e docentes entrem em contato com o mundo que está a sua volta sob uma nova lente, procurando além de levar seus conhecimentos adquiridos na universidade para fora dela, também incorporando conhecimentos extra acadêmicos no ambiente universitário, em sua prática educativa.

Cabe ressaltar que a extensão que queremos deve estar permeada pela comunicação e pelo verdadeiro fazer educativo. Segundo Freire (1985, p. 44): “/.../ o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano.”. Para o autor a comunicação consiste em uma relação dialógica, ou seja, implica uma reciprocidade. O que quer dizer que o ato da comunicação se faz na relação entre os sujeitos e não na sua individualidade, ainda de acordo com o autor de “Extensão ou Comunicação?” (1985, p. 46):



Equívocada também está a concepção segundo a qual o fazer educativo é um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber. A educação, pelo contrário, em lugar de ser essa transferência do saber-que o torna quase “morto” –, é situação gnosiológica em seu sentido mais amplo.

Ainda seguindo com Paulo Freire (1985, p. 46): “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.”. Ao pensarmos na extensão não estamos falando em transferência de conhecimento mas no verdadeiro fazer educativo, que consiste em educadores e educandos, juntos, em um mesmo processo de ensino e aprendizagem. É importante destacar também que a comunicação não é algo independente da sociedade, muito pelo contrário, elas são extremamente unidas, onde uma tem a capacidade de refletir ou mesmo moldar a outra, sobretudo com o advento dos meios de comunicação de massa. Ao compreender a comunicação de determinada sociedade, se é possível entender também como se relacionam as pessoas dentro dela. Se há mais comunicação e diálogo entre os sujeitos, provavelmente as suas relações serão melhores, não que o conflito vá deixar de existir, mas a aceitação e a incorporação deste, no nosso entender, proporciona maior capacidade de transformação da realidade social.

Para Juan Bordenave (1997, p. 36), a comunicação: “Serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade social que os rodeia.” A partir dessa citação, pode-se compreender que a comunicação tem o poder de transformar, modificar o que está colocado como certo, de questionar as estruturas que sustentam a sociedade. Ela possibilita sermos agentes ativos da mudança. Quando a comunicação é colocada a serviço da coletividade, ela pode ser uma ferramenta que ajuda na construção de uma sociedade melhor. Porém, é importante que se reflita que ao mesmo tempo que a comunicação pode contribuir para a transformação da realidade, ela tem a capacidade de ser utilizada para a perpetuação do domínio, como muitas vezes temos visto acontecer. Diversas vezes as classes hegemônicas se utilizam dela para o aprofundamento das desigualdades, pra criar passividade, domínio e enriquecimento privado. Sendo assim, é nosso papel fazer com que esse bem precioso não seja utilizado para a perpetuação do *status quo* e sim para o bem-estar comum.

É nesse contexto que se encontra a extensão universitária. Extensão essa que deve estar pautada por uma educação problematizadora, que tenha como princípios o diálogo, a comunicação entre docentes, discentes e a comunidade em geral. Paulo Freire



(1985, p 53), nos oferece alguns sinais de caminhos possíveis o exercício da educação como “prática de liberdade”:

[...] a educação como prática da liberdade não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a perpetuação dos valores de uma cultura dada; não é o esforço de adaptação do educando a seu meio.

A extensão universitária se faz, antes de tudo, como movimento dialógico e não deve estar pautada no ato de incutir de forma irrefletida ou de depositar conteúdos nos educandos, pois esse tipo de educação, para Freire (1985, p. 56), se constitui num obstáculo à transformação. Deve-se então compreender que na prática da extensão que defendemos, com Paulo Freire:

A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado. Neste ato de problematizar os educandos, ele se encontra igualmente problematizado.

O patrono da educação brasileira nos ensina, em sua “Pedagogia do oprimido” (1987, p. 41), que:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem.

Portanto, deve ficar nítido que o autêntico fazer educativo é um processo no qual educandos e educadores têm muito a ensinar e aprender, dialeticamente. Não é por serem educadores que os mesmos detêm todo o conhecimento e não é por serem educandos que os educandos são um vazio a serem preenchidos, ao contrário, a educação é diálogo, é comunicação, não somente extensão, afinal: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 44).

O Projeto de Extensão Mundo Quando busca fazer um diálogo não hierárquico junto às pessoas que se encontram “fora” da universidade, facilitando processos democráticos e horizontais substantivos e participativos. Procura o diálogo sem tentar persuadi-las de que seu conhecimento é o único verdadeiro, mas que dialoga com outras formas de conhecimentos e saberes igualmente possíveis e legítimos. Nessa diversidade, não há hierarquia e assimetria entre um tipo, forma e conteúdo de



conhecimento e outro. Ambos são válidos e são respeitados da mesma forma. No entanto, vale dizer, isso não invalida que, juntos, todos possam questionar tais conhecimentos. Como Paulo Freire (1985, p. 34) afirma:

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide [...].

Uma opção à prática extensionista é a da comunicação, pois ela é dialógica: “O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ele é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.” (FREIRE, 1985, p. 45). Quando nos comunicamos somos seres ativos e não passivos. Mas deve-se destacar que: “não há, como já dissemos, possibilidade de uma relação comunicativa se entre os sujeitos interlocutores não se estabelece a compreensão em torno da significação do signo.” (FREIRE, 1985, p. 48). Isso nos leva a crer que, ao pensar no desenvolvimento da prática do Projeto de Extensão Universitário, é essencial levar em consideração que deve existir comunicação entre a universidade e a comunidade e não uma imposição dos conhecimentos dos primeiros sobre os segundos, de forma que ambas, ao final, se confundam, afinal, são, em essência a mesma coisa, uma vez que a Universidade está contida na Sociedade.

3 Educação, comunicação, extensão e sociedade

O tecido social terrestre nunca esteve tão conectado. Uma frota imensa de navios, aviões, carros, caminhões, trens, cabos submarinos que atravessam oceanos, satélites colocados na órbita elíptica do planeta Terra (que mapeiam o mundo ao passo em que possibilitam a conexão humana dos lugares), assim como a rede mundial de computadores e a presença maciça dos *smartphones* e seus múltiplos aplicativos — dentre tantas outras tecnologias que estão condicionadas, atualmente, às relações sociais do hegemônicas—, favoreceram o aumento extraordinário de fluxos e trocas materiais e imateriais que influenciaram decisivamente as dinâmicas social, econômica e espacial dos lugares.

Isso levou alguns autores defenderem que vivemos, mais incisivamente neste Século XXI - em função da massificação da internet -, na “sociedade da informação e da comunicação”, concluindo que houve uma mudança qualitativa que se aprofundou, pelo



menos no caso do Brasil, dada a sua condição de país da “periferia” do capitalismo global, há pelo menos 20 anos, a partir dos anos 2000, com a relativa massificação do acesso à meios tecnológicos como computadores, celulares etc., e da internet.

Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells (2009, p. 188):

La capacidad interativa del nuevo sistema de comunicación da paso a una nueva forma de comunicación, la autocomunicación de masas, que multiplica y diversifica los puntos de entrada em el proceso de comunicación. Desde ahí la autonomía sin precedentes de los sujetos comunicadores para comunicarse en sentido amplio. No obstante, este potencial para la autonomía está modelado, controlado y cercenado por la creciente concentración e interrelación de las corporaciones de medios y de operadores de redes en todo el mundo.

Com isso, compreende-se que a capacidade de comunicação se ampliou bastante com o surgimento dos novos meios comunicacionais, porém, nem por isso mesmo essa capacidade de comunicação deixa de ser monopolizada, concentrada em determinados lugares e pelas grandes empresas, o que é bastante problemático, dado o papel estratégico que a comunicação exerce na sociedade. Assim, o Projeto de Extensão Mundo Quandu: comunicação social, cultura e meio ambiente, em sua última versão, vem trabalhando com a experiência de um portal educativo, alia comunicação e educação, procura ser uma alternativa de acesso à informação que tem como base a criação de conteúdo, pois, baseado em método que busca contemplar os mais diversos olhares, segmentos sociais e territórios, a partir da ideia de que faz parte do papel da Universidade Pública oferecer informação de qualidade contribuindo com a democratização da comunicação e sociedade democrática de forma mais ampla.

O Projeto Mundo Quandu surgiu em 2018 e passou por várias transformações ocorridas durante a pandemia, dentre elas: a mudança para o seu atual nome, fruto de uma discussão coletiva entre seus membros, e a mudança na composição interna de seus integrantes dada a situação institucional e as condições laborais de parte do corpo docente e discente que compunham o projeto. Cabe destacar que o processo de discussão, escolha e ratificação do nome *Mundo Quandu* se deve ao diálogo com o contexto educacional, histórico, social, cultural, político, econômico e ambiental local da região de Itapipoca. Nesse processo, as sugestões e opiniões de todos os membros foram acolhidas e debatidas de forma dialógica, horizontal, crítica, criativa, participativa e democrática.



Atualmente, o projeto trabalha com um portal educativo e informativo, o *mundoquandu.org*, que divulga informações sobre Itapipoca e região. Sabe-se que é cada vez mais importante que a comunicação esteja ligada a educação, tendo em vista que, segundo Mário Kaplún (1998, p. 17):

[...] cuando hacemos comunicación educativa, estamos siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo. Decimos que producimos nuestros mensajes <<para que los destinatarios tomen, consciencia de su realidad>> o, <<para suscitar una reflexión>>; o <<para generar una discusión>>. Concebimos, pues, los medios de comunicación que realizamos como instrumentos para una educación popular como alimentadores de un proceso educativo transformador.

Enquanto Projeto de Extensão compreendemos que devemos trabalhar com uma comunicação educativa, popular, já que o compromisso da universidade não deve ser com interesses econômicos, mas educativos, de partilha de informação e conhecimentos, entre aqueles que se encontram na universidade com os que estão fora dela. Sendo assim, a partir do debate e das práticas proporcionado pelo patrono Paulo Freire, no que tange à discussão sobre extensão, comunicação e educação no seu livro: “Extensão ou comunicação?” (1985), sabemos das dificuldades e possibilidades de ser o Mundo Quandu, verdadeiramente, um projeto pautado em princípios democráticos e populares. Em seu livro: “Pedagogia da autonomia”, Paulo Freire (2020, p. 24), afirma que é preciso que os educandos saibam que:

[...] desde o princípio mesmo de sua experiência formadora assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção.”

O conhecimento e os conteúdos produzidos no âmbito da Universidade não é superior nem inferior a nenhum outro não devendo ser, portanto, imposto àqueles que não o detém. O que se deve fazer é dar o acesso, qual seja, a possibilidade de ter a experiência de “conhecer o conhecimento”, já que para Freire educar não é estender o conhecimento aos outros, mas é um processo dialógico em que seus participantes constroem juntos o saber. Com base nisto a Extensão com que trabalhamos procura ser diferente daquela que Paulo Freire critica no seu livro “Extensão ou comunicação?” (1985). Sabemos que os percalços e as dificuldades são enormes para o trabalho com um Projeto de Extensão que quer trabalhar com o verdadeiro fazer educativo, que é comunicação, diálogo com os sujeitos, que os escuta, que constroem juntos os saberes.



Não raras vezes se observa, no meio acadêmico, a afirmação do contrário, qual seja, a superioridade do conhecimento científico frente às demais formas de conhecimento, isso ocorre, inclusive, na forma de invisibilização, não refutando mas rechaçando o conhecimento daqueles que estão fora da universidade. A comunicação, no âmbito da extensão, nunca pode ser uma mão de via única. Os saberes tradicionais, as culturas diferentes da nossa, muitas vezes trazem conhecimentos e soluções que não raras vezes são permeados de boas práticas com relação à natureza e à comunidade, que devem ser valorizados.

Por isso a extensão não deve ser o inculcar, estender, impor conhecimentos a ninguém, mas o trabalhar com e não para alguém: “O educador, num processo de conscientização (ou não), como homem, tem o direito a suas opções. O que não tem é o direito de impô-las.” (FREIRE, 1985, p. 53). É por isso mesmo que acreditamos que o projeto Mundo Quando está caminhando para ser uma extensão verdadeiramente educativa, unindo comunicação e educação, já que procuramos dar visibilidade e valorizar aqueles sujeitos que tem seus conhecimentos invisibilizados mas que contém verdadeiros “tesouros comuns”, como tecnologias sociais, culturais, espirituais, gastronômicas etc., que podem ser muito úteis para a construção do bem-estar social em Itapipoca e região. Ao publicar informações e matérias sobre as diversas realidades que permeiam Itapipoca e região, queremos democratizar o acesso aos saberes produzidos por nossa universidade, que muitas vezes ficam restritas a ela, mas sem esquecer dos indivíduos e dos conhecimentos que estão fora dela.

Em “Extensão ou Comunicação?” (1985) Freire nos ensina, que a comunicação é um ato que precisa de uma reciprocidade, que de forma alguma pode ser rompida. Por isso mesmo devemos problematizar nossa relação com aqueles que entram em contato com nosso conteúdo. Acreditamos que ainda nos falta saber como essas pessoas estão “recebendo” o que estamos produzindo no Mundo Quando, se o projeto está contemplando a realidade de Itapipoca e região, democratizando o acesso à informação, sendo portanto um Projeto de Extensão democrático e popular. Mesmo com essas dificuldades o Mundo Quando que é um projeto em constante construção e reconstrução vislumbra muitas possibilidades, por meio da junção entre extensão, comunicação e educação. Ao possibilitar que os próprios educandos da FACEDI-UECE e da comunidade externa à Universidade, sejam agentes ativos na construção do saber e



do auto-conhecimento sobre sua própria realidade, vai se estabelecendo uma maior autonomia dos estudantes e uma maior interação entre estes e os educadores.

Nessa perspectiva, em sua “Pedagogia do oprimido” (1987, p. 46) Paulo Freire nos ensina que: “A tendência, então, do educador-educando como dos educandos-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar este pensar da ação”. Ao pensar, problematizar a realidade educador e educando que são ao mesmo tempo educadores e educandos estão atuando de acordo com o verdadeiro fazer educativo.

4 À guisa de conclusão: desafios e possibilidades do Projeto Mundo Quando

Antes de mais nada, um pouco do histórico: o projeto Mundo Quando - Comunicação Social, Cultura e Meio Ambiente; tem origem na WebRádio Lutemos, que funcionou entre os anos de 2014 e 2016, sendo refundada em 2019 como Rádio Facedi e finalmente, em 2020, recebeu nome que batiza esse projeto, valendo ressaltar que tal mudança se deu por intermédio de uma decisão coletiva, através de uma enquete que continham outras propostas. O nome se fundamenta no diálogo com a realidade regional e local, Quando é o nome de um açude localizado na área serrana de Itapipoca, delimita também uma inspiração indígena e decolonial. "Mundo Quando" une o particular com o universal, fazendo sempre os lembrar que o local e global nunca estão desconectados. Tendo em vista a continuidade desse projeto, sempre em permanente transformação e que já contou com a participação de cerca de 30 alunos na condição de bolsista, oriundos de todos os cursos da Facedi, além de alunos do Instituto Federal de Itapipoca, professores da Uece e do ensino médio de Itapipoca.

O Projeto tem se preocupado com a produção de um conteúdo voltado para a valorização da produção musical, cultural, científica oriunda de Itapipoca e região do Vale do Curu e Aracatiaçu, o conteúdo é publicado inicialmente no portal mundoquando.org e divulgado no espaço das redes sociais, em especial no Instagram, Facebook e WhatsApp, também conta com um canal no YouTube além do portal, todos de fácil acesso via computador e outras tecnologias digitais como smartphones, tablets etc.



Ao compreender as relações entre extensão, comunicação e educação, e como elas se apresentam no Projeto de Extensão Mundo Quando da FACEDI-UECE, através das lições deixadas pelo educador Paulo Freire em: “Extensão ou Comunicação?” (1985), pode-se dizer, que o Mundo Quando está mostrando possibilidades, para além das dificuldades de construir uma extensão pautada nos princípios democráticos e populares, pois está permeada pela relação entre extensão, comunicação e educação. De acordo com Sandra de Deus (2013, p.13):

A universidade não pode deixar de ver e nem de ouvir as diferentes demandas dos demais setores da sociedade. Não poderia ser diferente. Se compreendermos que a extensão representa os “olhos” e “ouvidos” da universidade, passando para os extensionistas uma grande responsabilidade, que se trata de contribuir decisivamente com a transformação social.

Dessa forma, o Mundo Quando está contribuindo com uma prática de extensão universitária autêntica, no qual os docentes e discentes da FACEDI-UECE, podem integrar seus conhecimentos com aqueles que se encontram fora da universidade, mas que nem por isso deixam de ter conhecimentos legítimos. É certo que ainda há muito a se fazer a avançar, uma lacuna que pretendemos preencher em breve é o de estreitar o diálogo com as escolas públicas estaduais e municipais.

Defendemos uma extensão que não se impõe, incute, invade, mas a que integra, dialoga, problematiza, feita pelos e para os habitantes da região de Itapipoca. Aprendemos com Paulo Freire em: “Extensão ou comunicação?” (1985), que a verdadeira educação está pautada na comunicação, que é diálogo, ou seja, devemos respeitar o conhecimento que os sujeitos já possuem, construindo com eles novos conhecimentos. Em “Pedagogia do oprimido” (1987, p. 53) ele sublinha que:

Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também de gerar a [solidariedade]. Operando a superação da contradição educador-educandos se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza.

Na prática educativa, educadores e educandos trabalham juntos, de forma horizontal, ou seja, um não sendo superior ao outro. Cabe a nós trabalhar ainda mais para que o Mundo Quando se torne cada vez mais democrático e popular, que procure integrar, de forma sistemática, duas coisas que têm como pressuposto uma forte relação real, a universidade e a sociedade, apresentando a realidade dos fatos, dados, provas, etc., de forma objetiva e direta, mas sem deixar de problematizar a realidade econômica, cultural



e social de Itapipoca e região. Ainda nos falta muito para que nosso Projeto de Extensão consiga fazer com que a FACEDI-UECE e os cidadãos de Itapipoca e região construam uma ponte que permita a partilha de saberes. Porém, estamos apenas começando nossa caminhada rumo a um diálogo sistemático entre universidade e sociedade. Em um futuro não muito distante acreditamos que nosso objetivo de aproximar e integrar mais e melhor a FACEDI-UECE à Itapipoca e região, estará, ao menos em parte, contextualizado e concretizado.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Pechel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999.

BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **O que é comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

CASTELLS, Manuel. La comunicación en la era digital. *In: _____*. **Comunicación y poder**. Madrid, ESP: Alianza Editorial. 2009. Cap. 2, p. 87-189.

DEUS, Sandra de. Apresentação. *In: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.) et al.* **Avaliação da extensão universitária: práticas e discussões da comissão permanente da avaliação da extensão**. Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE; PROEX/UFMG, 2013. p. 12-16.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 64. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GAJARDO, Marcela. Procurando Paulo Freire no Chile, algumas observações sobre a origem e a evolução de suas ideias pedagógicas. **Ideação**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 72-104. 2021. DOI: <https://doi.org/10.48075/ri.v23i1.26701>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/26701>. Acesso em: 19 mar. 2022.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Tradução de Alexandre Figueiredo *et al.* 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.



GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid, ES: Ediciones de la torre, 1998.

SOUSA, André Lima. **Fortaleza, Metrópole Distópica**: [manuscrito]: Conflitos Territoriais e Produção do Espaço Transitório no Início do Século XXI. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, 2018 (Tese de Doutorado).